

Reflexão metalinguística e trajetos discursivos da expressão “a coisa tá preta” na história brasileira

Palavras-Chave: História das Ideias Linguísticas, Análise de Discurso, Expressão Idiomática

Autores:

Robson Silva Porto, IEL – UNICAMP

Prof^ª. Dr^ª. Ana Cláudia Fernandes Ferreira (orientadora), IEL – UNICAMP

1. INTRODUÇÃO:

A partir de uma perspectiva discursiva da História das Ideias Linguísticas, este trabalho pretende refletir sobre como determinados trajetos discursivos da expressão *a coisa tá preta*, na história brasileira, desembocaram na inversão de sentidos presente na música de mesmo nome, do rapper Rincon Sapiência: como essa expressão, que significava como *algo ruim*, acaba tendo seu sentido modificado, invertido, passando a significar como *algo bom*. Essa reflexão se sustentou em questionamentos sobre o político na língua (GUIMARÃES, 2005) e a não evidência do sentido (ORLANDI, 2000), sobre as relações tensas e contraditórias entre *língua imaginária* e *língua fluida* (ORLANDI, 2009), bem como entre unidade, diversidade, dominação e resistência (ORLANDI, 1998; ORLANDI e GUIMARÃES, 2001), sobre os saberes linguísticos e o cotidiano na história das ideias linguísticas (FERREIRA, 2020a, 2020b), e sobre o conceito de *discursos racializados* (MODESTO, 2021). Nos concentramos em observar de que maneira a emergência de reflexões metalinguísticas contribuem para que o sujeito signifique e ressignifique sua língua. Para isso, analisamos alguns funcionamentos da expressão em diferentes canções brasileiras.

Neste resumo, apresentamos os principais pontos de uma análise contrastiva entre três músicas em que a expressão *a coisa tá preta* está presente: a canção *Meu caro amigo*, de Chico Buarque¹, a canção *A coisa tá feia*, de Tião Carreiro e Pardinho² e a canção *A coisa tá preta*, de Rincon Sapiência³. Entendemos, durante o trajeto analítico, que há uma infinidade de discursos em funcionamento em cada uma das músicas, discursos que se movem entre espaços, tempos e sujeitos diferentes. As duas primeiras músicas foram produzidas durante o período de ditadura militar no Brasil: *Meu caro amigo* é do ano de 1976 e *A coisa tá feia* é datada de 1983. Já a música *A coisa tá preta*, que promove uma mudança do sentido popularmente conhecido da expressão, foi lançada em 2016, décadas depois. Portanto, foi preciso considerar as diferenças entre os espaços-tempos de enunciação, além de considerar, na comparação das diferenças de sentidos, que o funcionamento da língua é sempre político (GUIMARÃES, 2005).

2. ANÁLISES E DISCUSSÃO:

Para trabalhar o contraste entre as três músicas que são o objeto de análise deste trabalho, partindo de uma perspectiva discursiva da história das ideias linguísticas, consideramos que os sentidos não são evidentes e nem transparentes e que há vários discursos em funcionamento em um mesmo texto. O que significa que o sujeito não tem domínio sobre o que diz, e que muitos discursos podem falar nele (ORLANDI, 2000), ainda que o saber metalinguístico por ele produzido possa colocar em suspenso alguns sentidos. Ao lado disso, recorreremos a uma reflexão sobre os aspectos sociais próprios do funcionamento da língua (GUIMARÃES, 2005) e sobre a construção dos *saberes linguísticos cotidianos* (FERREIRA, 2020a, b).

¹ Disponível em: https://youtu.be/yqVLC_tPgUc?si=J8Zd8Yamv4oMtuym. Acesso em 14 de julho de 2025.

² Disponível em: <https://youtu.be/iRaTaLD46ZQ?si=kXHdJoRO0VT4fHop>. Acesso em 14 de julho de 2025.

³ Disponível em: https://youtu.be/FsTTvHoLxEA?si=Q0sMjMVlxufRAQ_x. Acesso em 30 de julho de 2025.

Em relação ao funcionamento da(s) língua(s), Guimarães (2005, p. 8) apresenta o conceito de *espaço de enunciação* como um espaço de relações entre línguas diversas e seus falantes, afirmando que línguas são objetos históricos e se relacionam diretamente com aqueles que as falam, no momento em que as falam. É também por esse espaço que as diferentes línguas constituem seus falantes e fazem parte do processo social de identificação dos sujeitos. O autor também diz que as línguas no espaço de enunciação funcionam politicamente e isso as divide. Sob esse olhar, consideramos que a divisão política que age sobre as línguas, abrange a divisão de sentidos constitutiva de uma língua. A expressão *a coisa tá preta* se relaciona com o sujeito falante e tem seus sentidos construídos, memorizados, enfraquecidos, confrontados e ressignificados em meio ao funcionamento político da língua.

Ferreira (2020b) fala dos discursos sobre as línguas produzidos no contato/confronto com a alteridade como parte do que designa como *saberes linguísticos cotidianos*. A constituição desses saberes é pensada pelo jogo entre *unidade, diversidade, dominação e resistência*, considerando a relação tensa e contraditória entre o que Orlandi (1985, 2009) e Orlandi e Souza (1988) definem como *língua imaginária* e *língua fluida*. Segundo a autora, essas relações “não podem ser isoladas, classificadas ou contabilizadas, pois elas não são transparentes e nem identificáveis de uma vez por todas” (FERREIRA, 2020a, p.13). Marcado por essas tensões, a noção de *políticas linguísticas ordinárias* é formulada pela autora enquanto práticas discursivas que escapam à normatividade institucionalizada, mas que ainda assim produzem efeitos fora, ao lado e dentro das instituições do saber.

“As políticas linguísticas ordinárias, enquanto práticas discursivas não transparentes para o sujeito, funcionam no espaço tenso e contraditório das relações entre *unidade, diversidade, dominação, resistência e domesticação da resistência* (ORLANDI, 1998) que envolvem a construção dos saberes linguísticos e a constituição das línguas na história” (FERREIRA, 2020b, p.328).

Em concordância com essas reflexões, buscamos, nas análises, apontar para alguns sentidos produzidos pelas relações entre expressões e palavras nas músicas, reconhecendo que há uma infinidade de outros olhares para outros domínios de descrição e interpretação possíveis (e impossíveis) no espaço da linguagem, na história.

A seguir, apresentamos trechos de cada uma das músicas que fazem parte das análises, acompanhadas de uma descrição dos artistas que as interpretam e de uma discussão resumida das relações de sentidos produzidas em torno da expressão *a coisa tá preta*.

A primeira música analisada é *Meu caro amigo*, de Chico Buarque, um dos principais nomes da música popular brasileira. Atuante durante todo o regime militar, o artista tem em seu repertório diversas canções que se entrelaçam, entre jogos de palavras e não ditos, com uma história de resistência e enfrentamento da censura e repressão presentes nesse momento histórico. A forma da música escolhida aqui assemelha-se a uma carta (o vocativo no primeiro verso e a despedida no último caracterizam o gênero). Esse efeito, aparentemente, foi uma saída encontrada por Buarque para transmitir uma mensagem ao amigo e artista Augusto Boal, que estava exilado do Brasil. O eu lírico relata os acontecimentos do país para o amigo distante, transitando por entre choros, *mutretas* e sapos engolidos, e futebol, samba e *rock'n roll*. Essa alternância esboça um clima tenso, mas permeado por afeto, saudade e resistência. O momento em que a expressão aparece está destacado abaixo:

*Meu caro amigo, me perdoe, por favor / Se eu não lhe faço uma visita / Mas como agora apareceu um portador / Mando notícias nessa fita
Aqui na terra tão jogando futebol / Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll / Uns dias chove, noutros dias bate o sol / Mas o que eu
quero é lhe dizer que **a coisa aqui tá preta***

O trecho “Uns dias chove, noutros dias bate o sol” aponta para sentidos que articulam o tempo do passar dos dias com o conjunto de estados do tempo meteorológico. Na sequência, a presença da conjunção adversativa *mas*, em “mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta”, aponta a argumentação para um sentido de que algo está acontecendo, para muito além do cotidiano dos dias de chuva ou de sol. Ao dizer que *a coisa aqui tá preta*, a palavra *aqui* substitui o país Brasil, que podemos compreender enquanto significando o espaço de enunciação a partir do qual o eu lírico escreve a carta. Nessas condições, a expressão *a coisa aqui tá preta* marca essa adversidade, significando como algo ruim que está ocorrendo nesse espaço.

Para refletir sobre os sentidos possíveis atribuídos à expressão nessa obra, recorreremos a uma análise relevante apresentada por Orlandi (2000). A autora, em uma ida a um campus universitário durante o período eleitoral, se depara

com uma grande faixa preta, na entrada, com os dizeres *vote sem medo!*, escrito em letras brancas. Ela observa que, do ponto de vista da cromatografia política, o negro tem sido a cor do fascismo, dos conservadores, da expressão política da “direita”. Ou seja, a faixa negra carrega em si uma memória. Para Orlandi, a memória, quando pensada em relação ao discurso, é tratada como o interdiscurso. A noção de interdiscurso, por sua vez, é definida como “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (ORLANDI, 2000, p.31).

Isso nos ajuda a compreender o funcionamento do interdiscursivo em relação à expressão *a coisa tá preta*: sentidos construídos antes, em outros lugares, formando uma memória sobre essa e outras expressões presentes no português brasileiro. Ela carrega em si uma memória que é constituída pelos não ditos, pelos ditos em outros lugares e sua significação não se limita às intenções do sujeito que a mobiliza. Nas palavras de Orlandi (2000, p.30):

“Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele.”

No caso do campus universitário, muitos sentidos falavam para além da margem que poderia ter sido “desejada” por quem que escreveu a faixa. Nota-se, portanto, que a produção dos sentidos de um enunciado não se restringe às intenções de quem o produz. Há sentidos em confronto/conflito funcionando em uma única formulação. Assim, podemos considerar que vários sentidos também funcionam em confronto/conflito na música de Chico Buarque para além das *margens do dizer* de uma interpretação dominante daquele momento.

A segunda música analisada, *A coisa tá feia*, foi lançada por Tião Carreiro e Pardinho, uma das duplas mais importantes da música sertaneja de raiz no Brasil. O trecho destacado é o seguinte:

Burro que fugiu do laço tá debaixo da roseta / Quem fugiu de canivete foi topiar com baioneta / Já está no cabo da enxada quem pegava na caneta

*Quem tinha mãozinha fina foi parar na picareta / Já tem doutor na pedreira dando duro na marreta / **A coisa tá feia, a coisa tá preta** / Quem não for filho de Deus, tá na unha do capeta*

Composta por Tião Carreiro em parceria com Lourival dos Santos, a música apresenta uma linguagem característica da moda de viola. A letra delineia um espaço de enunciação que tematiza o declínio de determinada camada social: aquela que detinha algum privilégio ou *status*, como no trecho “Já está no cabo da enxada quem pegava na caneta”, que sugere uma transição forçada do trabalho intelectual aos trabalhos manuais em razão dessas circunstâncias.

Na música em questão, tanto *a coisa tá feia* como *a coisa tá preta* comparecem associadas a sentidos de dificuldade, de adversidade, de algo que está *feio* (adjetivo que remete a um valor estético) num sentido que abrange ruim (adjetivo que remete a um valor ético); ou seja, temos traçada, enquanto um efeito de sentido, uma relação de sinonímia entre as palavras *feia* e *preta*. Na conjuntura que nos é dada pela letra da música, *feia* pode ser substituída por *preta* mantendo uma equivalência de sentidos.

Por fim, nos encaminhamos para a música *A coisa tá preta*, de Rincon Sapiência (também conhecido como Manicongo), rapper, produtor e compositor, reconhecido por integrar o hip hop a ritmos afro-brasileiros, como o samba, o afrobeat e o funk. Suas músicas mais ouvidas abordam temas como negritude, racismo, empoderamento e desigualdade social, unindo criatividade, crítica e sonoridade. A letra que faz parte desta análise foi lançada no dia 13 de maio de 2016, data que marcou os 128 anos da abolição da escravidão no Brasil. Ao exaltar a cultura afro-brasileira e a força do povo preto, a letra como um todo promove deslocamentos de sentido que ressignificam a expressão *a coisa tá preta* como algo positivo, como, por exemplo, no trecho:

*De turbante ou bombeta / Vamo jogar, ganbar de lambreta / Problema deles, não se intrometa / **Olha, a coisa tá ficando preta** [...] [...] **Se eu te falar que a coisa tá preta** / A coisa tá boa, pode acreditar / Seu preconceito vai arrumar treta / Sai dessa garoa que é pra não molhar*

Na música de Sapiência, temos um desvio de sentidos cristalizados, sobre a expressão *a coisa tá preta*, que abre espaço para novos sentidos, em que *preta* deixa de significar como uma coisa *feia* ou *ruim*, para significar como uma coisa *boa*. Esse desvio é possível pois se dá em outra conjuntura histórica de produção de sentidos no espaço de enunciação brasileiro. Nesse espaço de confronto entre diversas práticas discursivas possíveis, vários novos sentidos têm sido

reclamados: movimentos identitários ganham força significativa nesse momento e a questão linguística se coloca como uma questão para esses movimentos. Um sem-número de glossários que se definem como antirracistas passam a propor a substituição de certas formas de dizer por outras, o que inclui tanto proposições sustentadas cientificamente, quanto outras que não encontram amparo científico; movimentos semelhantes ou associados que se apropriam de termos e os ressignificam surgem nas escolas, em diversas outras instituições, e também no cinema, no teatro e em expressões artísticas como a de Rincon. Movimentos que podem ou não ter se originado a partir de saberes linguísticos cotidianos, não científicos, não institucionalizados, mas que, necessariamente, produzem seus efeitos na linguística, na gramática e na literatura.

3. CONCLUSÕES

Para finalizar, considerando as especificidades da expressão *a coisa tá preta* em suas distintas condições de enunciação, recorreremos a uma reflexão sobre o conceito de *discursos racializados*, proposto por Modesto (2021), como uma via produtiva do campo da análise de discurso para a história das ideias linguísticas. É importante destacar que Modesto, ao propor esse conceito, toma o processo de racialização não para “falar sobre” raça, mas pra pensar as condições de produção, formulação e circulação dos discursos. Nas palavras do autor:

“Não se trata de “falar sobre” raça, mas de ter os processos de racialização atravessando discursividades, ainda que por efeitos do silenciamento, da contradição, da metáfora, da paráfrase, da paródia etc.” (MODESTO, 2021, p.9)

O autor pontua, ainda, que ao considerar essa relação, não se está dizendo que todos os discursos seriam necessariamente racializados, mas que os discursos que se estabelecem nas fronteiras do social apresentam a potencialidade de serem racializados, devido, principalmente, às questões conjunturais de nossa formação social. Dessa forma, entendemos que a expressão *a coisa tá preta*, em qualquer uma de suas instâncias de análise, não necessariamente trata da questão racial, mas é sustentada, no momento da formulação dos discursos, por condições histórico-ideológicas que não escapam ao processo de racialização.

Embora as músicas de Tião Carreiro e Pardinho e Chico Buarque não estejam, necessariamente, inscritas em situações que falam de/sobre raça, a expressão *a coisa tá preta* funciona sob uma memória discursiva da história do Brasil, construída por trajetões de colonização e descolonização, racismo e luta contra o racismo e epistemicídio e luta contra o epistemicídio que, conseqüentemente, também constituíram/constituem a língua, seus sujeitos e sentidos.

Outro exemplo de movimento de sentidos de palavras e expressões da língua na história pode ser encontrado na análise de Ferreira e Faria (2022, p.267) sobre a passagem do pronome *a gente* de terceira pessoa para primeira pessoa, na qual:

“Em nossa história de colonização, se os indígenas podiam deixar de ser *selvagens* e adquirir o estatuto de *gente* pela conversão, isso não significa que eles podiam compor, com o colonizador, um mesmo *nós*. Do mesmo modo, os povos africanos escravizados também não compunham um mesmo *nós* com o colonizador. Ainda assim, dessa relação de contato-convívio-confronto, um outro tipo de *nós* foi sendo construído na história do Brasil, construção esta realizada numa tensão entre colonização e descolonização, com efeitos sobre as relações entre os sujeitos e a línguas.”

Visto que os povos africanos escravizados, durante a colonização, não compunham um mesmo *nós* com o colonizador, entendemos que diversas políticas linguísticas da época funcionaram de forma a separar e subjugar os sujeitos africanos no processo de construção da língua nacional. Gradualmente, diversas expressões como a que estamos analisando juntamente com *a coisa tá preta* (como *serviço de preto*, *dia de branco*, *inveja branca*, etc.), em que *branco*, *negro* e *preto* podiam ou não significar pelos discursos racializados, emergiram em meio a essa conjuntura. Da mesma forma, a relação de contato-convívio-confronto apontada pelos autores, em sua tensão entre colonização e descolonização, perdura até os dias de hoje. Se diversas políticas linguísticas foram produzidas de modo a impor uma única língua – o português – no espaço brasileiro, diversas políticas linguísticas ordinária puderam emergir no interior mesmo dessa língua, confrontando sentidos antes estabelecidos.

Por fim, reconhecendo que as línguas no espaço de enunciação funcionam politicamente e isso as divide (GUIMARÃES, 2005), talvez possamos pensar que esse funcionamento político das línguas age sobre os modos de

dizer que no português nascem, morrem ou também se dividem, se ressignificam, como é o caso de expressões idiomáticas que vão tendo seus sentidos transformados em meio ao funcionamento político da língua.

O trabalho completo desta pesquisa de Iniciação Científica conta com um levantamento não exaustivo de outros textos que questionam determinadas palavras e expressões do português brasileiro (como *negro*, *preto*, *branco*, *dia de branco*, *serviço de preto* e *inveja branca*, por exemplo), que tiveram/têm grande circulação na mídia, buscando mostrar que os efeitos de sentidos que observamos funcionar nas músicas aqui analisadas não são acontecimentos isolados na história e na língua brasileira.

BIBLIOGRAFIA

- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. O cotidiano na história das ideias linguísticas. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, v. 23, n. 46, jul./dez. 2020a.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. Saberes linguísticos cotidianos. **Revista Porto das Letras**, Porto Nacional, v. 6, n. 5, 2020b. Número especial em História das Ideias Linguísticas.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. **Políticas linguísticas ordinárias**. Videoverbete. Canal da Enciclopédia Virtual de Análise do Discurso – EnciDIS, 2020a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IcZsNeEgim0>>. Acesso em: 22 abr. 2022.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes; FARIA, Michel Marques de. Said Ali e a gente na história da língua e da gramatização brasileira. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, v. 25, n. 49, p. 246–281, 2022. DOI: 10.20396/lil.v25i49.8669272. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8669272>>. Acesso em: 14 jul. 2025.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Multilinguismo, divisões da língua e ensino no Brasil**. Campinas: CEFIEL/Unicamp, 2005–2010.
- MODESTO, R. Os discursos racializados. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1–19, 2021. DOI: 10.25189/rabralin.v20i2.1851. Disponível em: <<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1851>>. Acesso em: 14 jul. 2025.
- ORLANDI, Eni. **Língua imaginária e língua fluida**. Seminário IEL/Unicamp, 1985.
- ORLANDI, Eni. Ética e política linguística. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, n. 1. Campinas: HIL/Pontes, 1998.
- ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2000.
- ORLANDI, Eni. Língua imaginária e língua fluida. In: ORLANDI, Eni. **Língua brasileira e outras histórias: discursos sobre língua e ensino no Brasil**. Campinas: RG, 2009. p. 11–19.
- ORLANDI, Eni; SOUZA, Tania Clemente. Língua imaginária e língua fluida: dois métodos de trabalho com a linguagem. In: ORLANDI, Eni (org.). **Política linguística na América Latina**. Campinas: Pontes, 1988. p. 27–40.
- ORLANDI, Eni; GUIMARÃES, Eduardo. Formação de um espaço de produção linguística: a gramática no Brasil. In: ORLANDI, Eni (org.). **História das ideias linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional**. Cáceres: Unemat; Campinas: Pontes, 2001. p. 21–38.